

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

Ivanize Christiane do Nascimento Honorato

**A CINDERELA PODE SER NEGRA?
Construindo identidades de crianças
negras numa turma de educação infantil**

Porto Alegre 2010

Ivanize Christiane do Nascimento Honorato

**A CINDERELA PODE SER NEGRA?
Construindo identidades de crianças negras
numa turma de educação infantil**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em...., pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Clevi Elena Rapkiewicz, DSc.

Tutor(a): Giselda Corrêa

Porto Alegre 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD**: Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

À minha filha, Laís Honorato Noronha, uma linda princesa negra que chegou este ano para nos deixar *felizes para sempre*.

Agradecimentos

A Deus

Aos meus pais, Rosa e Ivanir

Ao meu eterno namorado, Rodrigo Noronha

Às amigas do PEAD

A todos os meus alunos

Aos colegas de profissão

A Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote

A minha orientadora Clevi Elena Rapkiewicz

Um muito obrigado por fazerem parte da minha caminhada e deixarem um pouco de si na minha constituição enquanto filha, mãe, namorada, amiga, aluna, estagiária, professora, mulher,...

Resumo

A diversidade cultural presente na sala de aula pode ser ponto de partida para inúmeras aprendizagens. Este trabalho de conclusão de curso se propõe a discutir as questões etnicorraciais numa turma de educação infantil do município de Canoas, analisando a construção da identidade de crianças negras. Para tanto, os conceitos de raça, etnia, diversidade, identidade e diferença são analisados a partir da perspectiva cultural, e relacionados com a minha prática docente, utilizando a literatura infantil com protagonistas negros como um importante recurso pedagógico. As evidências comprovam o efeito positivo destes artefatos na construção da identidade de crianças negras.

Palavras-Chave: Estágio Curricular, Identidade, Raça, Etnia, Literatura Infantil.

Lista de Figuras

Figura 1: Produção de texto coletiva sobre "Diversidade da Turma"	32
Figura 2: Painel da Diversidade	33
Figura 3: Página do livro O Cabelo de Lelê.....	35
Figura 4: Oficina de tranças	36
Figura 5: Construção do Gráfico das Cores	37
Figura 6: Famílias.....	37
Figura 7: Vivência de capoeira	40
Figura 8: Experimentando os instrumentos musicais	40

Sumário

Lista de Figuras	7
1.INTRODUÇÃO	9
2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	11
2.1. Justificativa e Motivação.....	11
2.2. Caracterização do problema.....	13
2.3. Questões, hipóteses e objetivos de pesquisa.....	14
2.4. Metodologia	15
3. DIVERSIDADE CULTURAL	18
3.1 Relações etnicorraciais.....	19
4. EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE	22
4.1 Lei 10639.....	23
4.2 Questões etnicorraciais na educação infantil.....	24
4.3 Literatura infantil e as questões etnicorraciais	25
5. ANÁLISE DAS EVIDENCIAS	28
5.1. Caracterização das obras.....	28
5.2. O eu e o outro	31
5.3. Descobrimdo a beleza de ser negro.....	34
5.4 Qual é a minha cor?	36
5.5 Percepções.....	41
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERENCIAS	46

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do nosso país, nem sempre a convivência entre as diferentes culturas estiveram em harmonia. As relações de poder que se estabeleceram geraram conflitos, e até hoje deixam suas marcas. Índios e negros foram os mais prejudicados nessa questão, viveram por muito tempo marginalizado e discriminado na sociedade. Foram protagonistas na construção da história do Brasil, e, no entanto não são valorizados como tal.

Esta situação chega ao ambiente escolar. E a sala de aula reflete a pluralidade cultural do nosso país. Não se pode ficar indiferente frente a essa riqueza, e perder as inúmeras possibilidades de aprendizagens. Neste ambiente, além das múltiplas diferenças de etnia, raça, gênero, geração, misturam-se muitas crenças, valores e costumes, que de alguma forma interferirão na constituição do indivíduo.

As imagens fixadas na parede da escola, os cartazes da sala de aula, a seleção de materiais pedagógicos, as revistas utilizadas para recorte, a escolha dos filmes, entre outros artefatos, também se tornam contribuintes no processo de constituição de identidade das crianças.

A escola, lugar de socialização, também abre espaço para a discriminação quando silencia frente a gestos e falas preconceituosas, e quando se omite ao tratar deste assunto de forma correta.

A cinderela pode ser negra? Esse foi o questionamento de uma aluna ao referir-se aos papéis dados para representação numa peça teatral. A fala de uma criança no final do desenvolvimento de um projeto sobre as questões etnicorraciais faz pensar da necessidade de discutir um currículo voltado para a diversidade cultural.

Refletindo sobre a importância destas questões na educação infantil, analiso a possibilidade de um trabalho a partir da literatura infantil que permita a discussão dos conceitos raça, etnia e identidade. Para tanto, analiso algumas obras literárias, e relaciono com atividades desenvolvidas numa turma de educação infantil.

Sendo assim, o trabalho, intitulado ***A cinderela pode ser negra? Construindo identidades de crianças negras de uma turma de educação infantil***, para uma melhor compreensão, foi organizado da seguinte forma:

O capítulo 2, que trata da construção do objeto de pesquisa, apresenta as justificativas para a escolha do tema, relacionando com a motivação e as vivências, tanto pessoal quanto profissional. É dada também, a contextualização do tema, bem como a descrição de hipóteses, objetivos e questão norteadora da pesquisa. Encerro o capítulo comentando sobre a metodologia a ser utilizada.

Nos capítulos seguintes são abordados alguns conceitos relevantes para o entendimento da temática. Os estudos de Nilma Lino Gomes e Eliane Cavaleiro problematizando as questões etnicorraciais no espaço escolar, e outros autores, foram significativos para a compreensão do assunto deste estudo.

O capítulo 3 refere-se ao tema diversidade cultural. Enquanto que o próximo analisa estas questões no espaço escolar, e faz uma abordagem ao uso da literatura infantil como recurso para construção da identidade de crianças negras.

O capítulo 5 analisa as evidências a partir de minha prática que utiliza a literatura infantil com personagens negros como principal recurso. Neste capítulo caracterizo as obras selecionadas, e relaciono os resultados deste trabalho com o referencial teórico.

No último capítulo apresento minhas considerações finais referente ao trabalho explicado no capítulo anterior.

2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este capítulo tem por objetivo situar o leitor quanto à motivação e justificativa para a escolha do tema deste trabalho, relacionando com as vivências pessoais, bem como apresentar objetivos e metodologia para com esta pesquisa.

2.1. Justificativa e Motivação

A escolha das questões etnicorraciais como eixo central deste trabalho, não foi por acaso, perpassa pela minha história pessoal, profissional e acadêmica.

Desde a infância, nos grupos sociais dos quais participei, sempre fui uma das únicas negras: na escola, no balé, no curso de magistério, no grupo de jovens da igreja, no grupo de docentes da escola privada em que trabalhei, na graduação.

Estudei numa escola particular onde era uma das únicas alunas negras da turma. Sempre muito estudiosa, me destacava pela caligrafia, notas altas e bom desempenho no esporte. Tinha boa relação com todos os professores e colegas. Felizmente minha infância não foi marcada pela discriminação. Talvez a minha ingenuidade não deixasse perceber alguma maldade nas brincadeiras ou falas de colegas. Qualquer que seja o episódio, minha memória conseguiu apagar. Exceto duas situações nas quais passei por constrangimentos:

A primeira, quando uns meninos, no caminho de volta para casa chamavam eu e minha colega (também negra) de “zulu”. Essa “brincadeira” durou por quase uma semana. Até que o pai da minha amiga conversou com a família deles. Nesta época, eu nem sabia o que era “Zulu”. A segunda situação, estava acompanhada de amiga loira numa grande livraria da minha cidade, e quando saí, o segurança me acusou de ter roubado uma borracha. Eu tinha uns 12 anos, e eles revistaram minha bolsa, e meus bolsos no meio da calçada, na frente de todo mundo.

Mesmo sendo comum afirmar que em nosso país não há preconceito, ele se revela, ainda que de forma disfarçada, nos olhares, nas falas, no gesto. Repensando

a relação com pessoas de etnias diferentes da minha, percebo que passei por ocasiões em que o preconceito não estava tão explícito quanto um xingamento, ou um apelido pejorativo, mas estava nas entrelinhas de comentários como:

- *Por que tu não alisa o cabelo?*
- *Vamos brincar: eu sou a mamãe, e tu a empregada!*
- *Tu não é negra, é moreninha!*
- *Ela que vai nos ensinar a sambar.*

Como professora, sempre intervi em situações que observava que algum aluno fosse diretamente ou indiretamente discriminado por ser afrodescendente. Sem muito comprometimento, conversava com os alunos informalmente de forma que eles compreendessem a importância de respeitar as diferenças de cada um, independente de sua etnia.

Mas foi em 2005, quando conheci o Projeto A Cor da Cultura¹, que minha responsabilidade com essas questões aumentou. Desde então, a conversa sobre racismo deixou de ser apenas ocasional e informal, passando a ser planejada, com a intenção de valorizar a cultura afro brasileira.

Desde então, tenho dedicado parte do tempo do planejamento das minhas aulas na pesquisa de material pedagógico que trate sobre diversidade, e que contemple a história e cultura afro brasileira. Descobri na literatura infantil uma fonte rica de aprendizagem, facilitando a discussão deste tema com crianças.

No decorrer do Curso de Pedagogia a Distância foram diversos os momentos que pude refletir sobre diversidade e currículo, mas foi a interdisciplina Questões Étnico-Raciais na Educação que despertou meu interesse em aprofundar os estudos que relacionam educação e africanidades. E que tive a oportunidade de dar seqüência através da construção do Projeto de Aprendizagem, solicitado pela interdisciplina do Seminário Integrador, que tinha como questão norteadora *Como está sendo implementada a lei 10639 em nossas escolas*, Que nos levou a pesquisar sobre a aplicabilidade da lei 10639 na escola que lecionava. O trabalho

¹ A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir – Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial. O projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem realizado produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas que visam práticas positivas, valorizando a história deste segmento sob um ponto de vista afirmativo.

com PA possibilitou que cada integrante do grupo pesquisasse na escola que trabalha, de que forma a lei está sendo implementada. No geral, entre as escolas pesquisadas, observa-se que não possuem uma proposta para a aplicabilidade, poucas professoras a cumprem, e grande parte dos educadores se queixa da falta de formação e material para trabalhar com mais segurança.

Fui me constituindo, enquanto profissional, a partir dessas vivências. E hoje, o tema diversidade é inserido no planejamento, não apenas pela obrigatoriedade de uma lei, mas por acreditar numa educação antirracista.

2.2. Caracterização do problema

Índios, africanos, portugueses, espanhóis, alemães,... Tiveram grande contribuição na formação do nosso país. Infelizmente o legado desses povos não é valorizado da mesma forma. Os livros didáticos ocupam a maior parte de suas páginas contando a história dos europeus, e a notoriedade do descobrimento do Brasil é dado apenas aos brancos. Para negros e índios terem sua história reconhecida, foi preciso que uma lei² a levasse aos bancos escolares.

Discriminação, racismo e preconceito ainda fazem parte do dia-a-dia de muitos brasileiros. Sendo a escola um importante espaço de socialização, em que tais conflitos possam fazer parte das relações, é importante que este assunto seja abordado.

As crianças negras nem sempre sentem-se representadas nas imagens que lhes são apresentadas, e sua identidade enquanto negra acaba por sendo desconstituída, dando lugar à imagem estereotipada e negativada que muitas crianças brancas têm em relação às negras. Selecionar o material pedagógico que contemple essa diversidade, é uma tarefa árdua e importante.

A literatura infantil oferece condições para que tais temas sejam discutidos com crianças desde a educação infantil. Pois, segundo Abramovich (1993)

² Lei 11.645: obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena e africana nos currículos escolares.

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não), pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). (ABRAMOVICH, p.17,1993)

E é a literatura infantil com personagens negros que destaco como um recurso importante para lidar com as questões etnicorraciais na escola. Assim, é possível, de acordo com a autora supracitada,

descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia,, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, p.17,1993)

2.3. Questões, hipóteses e objetivos de pesquisa

Considerando o contexto apresentado, bem como a relevância dos temas diversidade e literatura infantil, este trabalho de conclusão de curso apresenta a seguinte questão de pesquisa:

Qual a influência da literatura infantil na construção da identidade de crianças negras?

A partir dessa questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

- A literatura infantil pode contribuir na promoção da igualdade racial?
- Como desencadear as discussões acerca das questões etnicorraciais na educação infantil?

Nesse contexto, parte-se da hipótese que a literatura infantil influencia na construção da identidade das crianças negras devendo, portanto, ser utilizada como recurso para uma educação antirracista.

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral analisar a influência da literatura infantil na construção da identidade dos alunos, especialmente nas crianças negras.

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar obras infantis que apresentem personagens negros;
- Analisar os resultados do trabalho feito a partir da literatura infantil que apresente personagens negros;

2.4. Metodologia

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa. O presente estudo de caso envolveu três fases conforme estudos de Ludke e Andre (1986). A primeira fase dedica-se ao planejamento do objeto de pesquisa, sem necessidade de predeterminar posicionamentos. No segundo momento foi feita a escolha do objeto de pesquisa através de observação, e análise das evidências coletadas no período de estágio supervisionado. E, finalmente, a última fase, os dados levantados foram confrontados com referencial teórico.

É válido ressaltar que um estudo de caso apresenta flexibilidade no seu planejamento, e análise, em contrapartida a generalização dos dados pode interferir na veracidade dos resultados obtidos. Segundo Gil (1994), a vantagem do estudo de caso é a proximidade do pesquisador com o objeto de pesquisa, e a possibilidade de focar, entre os materiais coletados, no objeto de estudo propriamente dito. Por sua vez, para este mesmo autor, o estudo de caso depende da cooperação dos indivíduos envolvidos, sendo mais suscetíveis ao erro.

Desta forma, foram selecionadas as seguintes obras da literatura infantil:

- BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2007.
- BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.
- GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.
- LUZ, Cássia. **O menino mestre e o rei Zumbi**. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2007
- MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ática, 2004.
- MARTINS, Georgina da Costa. **Minha família é colorida**. Editora SM, 2006.
- RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Belo Horizonte: Editora Mazza, 2005.

O estudo em questão ocorreu na Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote, em Canoas. A escola está inserida numa comunidade bastante carente, famílias com pouca escolaridade e baixa renda (critério importante para aquisição de vaga nas escolas municipais de Canoas). O espaço escolar é bastante valorizado pelos pais, pois as crianças passam cerca de 10 horas por dia e encontram educação, alimentação adequada e ambiente tranquilo.

A escola tem cerca de 70 alunos, divididos em 5 turmas por faixa etária: berçário, pré-maternal, maternal I, maternal II e jardim.

Tem 5 salas de aula, sala de múltipla atividades, cozinha, sala administrativa, saguão, amplo pátio, 3 banheiros para alunos e 1 banheiro para funcionários. A escola dispõe de poucos recursos tecnológicos, todas as salas de aula têm um rádio com CD, e na sala múltipla tem uma televisão e um aparelho de DVD.

A coleta de dados foi feita na turma do jardim, que possui 14 alunos, sendo 8 meninas e 6 meninos, com idades variando entre 5 e 6 anos. Destes 14, 4 alunos são negros³, e os demais, brancos.

A turma é bastante agitada, os alunos adoram brincar na sala múltipla, onde tem fantasias e brinquedos variados. Participam das atividades propostas, principalmente quando envolve movimento e coletividades. Nos trabalhos individuais, é necessário estimulá-los para que os concluam, pois dispersam-se com facilidade, ainda não concentram-se por muito tempo numa mesma atividade. Quanto às tarefas da rotina, como escovar os dentes, servir a refeição no buffet, ir ao banheiro, organizar o material utilizado, são bastante autônomos. Essa é uma das características bastante forte na turma.

A maioria desses alunos está junta desde o berçário, o que aumenta o companheirismo entre eles, sendo muito raros os momentos de conflitos e agressividade.

No próximo capítulo serão analisadas a diversidade cultural, e suas implicações no espaço escolar.

³ O levantamento quanto a etnia dos alunos foi feita a partir da observação do fenótipo, visto que este é determinante nas situações de racismo e discriminação contra os negros. Alunos afro descendentes muitas vezes não ficam expostos ao desrespeito, quando apresentam tom de pele mais claro, similar ao branco. Embora tivesse na turma afro descendentes, considerei oportuno, neste momento, contabilizar alunos negros com as características físicas específicas deste grupo.

3. DIVERSIDADE CULTURAL

*Que preto, que branco, que índio o quê?(...)
 Aqui somos mestiços mulatos
 cafuzos pardos mamelucos sararás
 crilouros guaranisseis e judárabes
 orientupis orientupis
 ameriquítalos luso nipo caboclos
 orientupis orientupis
 iberibárbaros indo ciganagôs
 Somos o que somos
 inclassificáveis
 (Arnaldo Antunes)*

O Brasil apresenta uma enorme diversidade cultural. Em cada estado, há um sotaque, um ritmo, uma dança, uma comida, uma tradição, um povo. Essas diferentes manifestações são o resultado da formação histórica do nosso país, onde índios, europeus e africanos deixaram uma enorme contribuição.

Ao se tratar de diversidade, não dá para limitar o conceito apenas ao conjunto de diferenças. Gomes (2008) propõe que a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças.

A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. (GOMES, 2008, pág 17)

Sendo assim, a diversidade não é estanque. Ela se constrói no contexto social, e segundo a mesma autora, *é um fenômeno que atravessa o tempo e o espaço*. É possível discutir este assunto a partir da perspectiva biológica e cultural, pois todos apresentam diferenças entre si, no entanto, ao longo da história, os processos de colonização e dominação tornaram alguns grupos humanos mais discriminados que outros, gerando o racismo e o preconceito.

Para Ferreira (2002)

a existência de diferenças culturais foi e continua sendo a característica mais marcante de toda a história da humanidade. O importante, entretanto não é discutir simplesmente os traços dessa diversidade, mas procurarmos estudar, em cada circunstância, como as diferenças foram e são utilizadas como justificativas para a manutenção de situações de desigualdade social. (FERREIRA, 2002, p.98)

Ao se tratar do tema diversidade é relevante discutir sobre identidade e diferença. Estes são conceitos que se complementam, são inseparáveis e dependentes.

O sujeito constrói sua identidade a partir das relações e contexto social o qual é inserido. Para Cavalleiro (2000) a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem.

Silva (2000) simplifica tal conceito afirmando que a *identidade é aquilo que se é*, enquanto que a *diferença é aquilo que o outro é*. Para este autor, estes conceitos são criações sociais e culturais, resultados da linguagem. Baseado nos estudos deste autor, Meyer (2002) afirma que

Os processos de produção lingüística de identidade e da diferença bem como os processos de produção cultural e social da identidade e da diferença estão estreitamente relacionados e que esta produção, se dá, em grande parte, nos (e por meio dos) sistemas de representação social. (MEYER, 2002, p.61)

3.1 Relações etnicorraciais

*Negro é uma cor de respeito
 Negro é inspiração
 Negro é silêncio, é luto
 Negro é... a solução
 Negro que já foi escravo
 Negro é a voz da verdade
 Negro é destino é amor
 Negro também é saudade
 (Ivone Lara)*

Agogô, tambor, capoeira, quindim, feijoada, farofa, samba, cafuné, ... Difícil imaginar a nossa cultura sem a influência africana. Embora tais contribuições estejam muito presentes em nossas vidas, a convivência entre negros e brancos nunca foi muito harmoniosa. Desde o navio negreiro, os negros não têm seus direitos respeitados. Antigamente, viviam submissos a uma classe dominante.

Hoje em dia, após muita luta para conquistar espaço, ainda passam por situações constrangedoras, e o número crescente de legislações⁴ que protegem

⁴ Constituição Federal de 1988 no seu Art. 5º inciso XLII: "*a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito de reclusão nos termos da lei*"; lei 10639 de 09/01/03 torna: obrigatório o ensino da cultura e história afro brasileira; Lei nº 12.288, de 20/07/10 institui o Estatuto da Igualdade Racial

seus direitos e sua cultura, prova que ainda há conflitos nas relações entre brancos e negros.

Ao abordar este tema, é interessante esclarecer alguns conceitos comumente usados no dia-a-dia. Raça, etnia, racismo, preconceito, discriminação, afro descendente, são termos interligados, com significados e representações diferentes.

Embora a formação do povo brasileiro tenha muito forte a contribuição dos negros, a nossa sociedade ainda é muito racista. Isto é: julga que uma raça possa ser superior a outra, segundo Munanga (2006). Por muitos estudiosos, o termo raça estava relacionado apenas a uma questão biológica, classificando os humanos em três raças distintas: brancos, negros e amarelos. Julgava-se que brancos eram superiores aos negros, devido às características físicas, como pele, formato do crânio, grau de inteligência, força física. Para Munanga (2006), o conceito de raça sofreu alterações ao longo da história, conforme avanços nas pesquisas das mais diversas áreas do conhecimento e interesses da sociedade.

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem nada de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico.(MUNANGA, 2006, p.18)

Mesmo essa idéia ter sido desconstruída pela ciência, o mito e as questões históricas dos quais foram envolvidos, ainda refletem nas relações gerando o racismo. Que se configura, segundo o autor citado anteriormente, a um conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelece uma hierarquia entre raças, consideradas como fenômenos biológicos.

A etnia refere-se a um conjunto de população que apresentam características culturais tais como a linguagem, religião, costumes, tradição. Ou seja, de acordo SECAD (2006) etnia é um grupo social cujos membros consideram ter uma origem e uma cultura em comum, e, portanto, uma identidade marcada por traços distintivos. Meyer (2000) cita Verena Stolke (1991) para explicar que

É exatamente no contexto da repugnância ética a essas teorias raciais, no período que sucede à II Guerra Mundial, que o termo *etnia* ganha visibilidade e passa a ser usado de forma mais generalizado, com o sentido de enfatizar que os grupos humanos se constituem como fenômenos históricos e sociais e não como categorias biológicas, cujos traços físicos estariam se misturando a, e definindo também, características morais e intelectuais. (MEYER, 2002,p.64)

Portanto, de acordo com as pesquisas da autora supracitada, raça e etnia são consideradas marcadores sociais que estão relacionados com os processos de construção da identidade e diferença. Hoje em dia, o significado destes termos são muito próximos, pois ambos perpassam pelos aspectos culturais, mas o termo raça ainda é usado em expressões já conhecidas para relacionar ao que é referente a negros ou africanos, como os termos discriminação racial, preconceito racial, igualdade racial.

O significado do termo preconceito relacionado a essas questões, traz nas entrelinhas o entendimento que a cor de pele de uma pessoa possa, por si só, dizer sobre ela. Preconceito é a emissão de uma opinião sem conhecimento prévio, fundamentada em suposições levianas e estereotipadas, transformando-se em julgamentos negativos.

No Brasil, este tipo de preconceito está muito mais relacionado ao que os olhos vêem, do que a etnia, ou seja, o fenótipo é determinante para o preconceito racial. Tom da pele, cabelos crespos, formato do nariz e lábios são características observáveis a olho nu.

O termo afrodescendente é o mais utilizado ultimamente para definir os descendentes de africanos. Após a mudança no artigo penal, que classifica o racismo como um crime inafiançável, e outras legislações relacionadas, houve um cuidado maior com as palavras, e este ficou sendo o termo “politicamente correto” para tratar destas questões.

4. EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE

*E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
(Gonzaguinha)*

A escola, sendo um importante espaço sociocultural, em que se estabelecem relações de gênero, etnia, classe, raça, entre outras, reflete o que acontece para além de seus muros, portanto, a diversidade presente na sala de aula é um recorte da nossa sociedade. Concordo com Gomes (2002) ao explicar que

A sociedade brasileira é pluriétnica e pluricultural. Alunos, professores e funcionários de estabelecimentos de ensino são, antes de mais nada, sujeitos sociais – homens e mulheres, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais, integrantes de distintos grupos sociais. São sujeitos com história de vida, representações, experiências, identidades, crenças, valores e costumes próprios que impregnam os ambientes educacionais por onde transitam com suas particularidades e semelhanças, compondo o contexto da diversidade. (GOMES, 2002, p. 22)

Nem sempre a escola consegue dar conta de toda diversidade, acaba considerando os alunos como se fossem todos iguais na sua cultura, etnia, habilidade, expectativas, e ritmos de aprendizagens. No entanto, é preciso considerar que

A diversidade cultural é característica fundamental de todas as sociedades, mas se ela costuma ser usada de modo a desfavorecer os grupos sem poder nas mesmas, dentro da escola isto também acontece. Dentro da escola essa diversidade é esquecida, é tornada invisível, e substituída por uma concepção monocultural que reveste tudo o que nela acontece: a seleção curricular, o trabalho pedagógico cotidiano, a imposição de normas e valores, o processo de avaliação, etc. (FERREIRA, 2002, p.100)

A educação é um direito social, sendo assim, é de fundamental que os indivíduos, além de obterem a garantia desse direito, o tenham de forma plena. Ou seja, que suas particularidades sejam respeitadas.

Trabalhar a partir da diversidade implica em estimular o aluno a (re) conhecer a sua identidade, para que possa compreender e respeitar as diferenças. Problematicar, questionar a realidade, e refletir sobre a função social da escola hoje e a diversidade significa, não só reconhecer as singularidades e diferenças, mas respeitá-las e colocá-las no planejamento do dia-a-dia. É preciso considerar a

riqueza de aprendizagens e trocas de saberes que poderão surgir a partir da diversidade que se concentra numa sala de aula.

4.1 Lei 10639

*Quem planta preconceito
Racismo, indiferença
Não pode reclamar da violência(...)
Crianças não nascem más
Crianças não nascem racistas
Crianças não nascem más
Aprendem o que
A gente ensina...
Por isso ainda há muito
O que aprender
Com África Bambata e Salassiê
(Natiruts)*

A luta incessante dos Movimentos Negros ocasionou a lei 10639, de 9 de janeiro de 2003, alterando a lei que estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional.

Desta forma tornou obrigatório o estudo da história e cultura afro brasileira, também inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra. A necessidade da criação de uma lei prova que tal conteúdo não fazia parte do planejamento de muitos professores, nem que tais questões eram devidamente tratadas no espaço escolar.

O negro, protagonista da história brasileira, ao ser lembrado nos currículos escolares, não tinha tanto destaque quanto as conquistas europeias, ficando apenas o tempo da escravidão como referência para esses estudos.

A promulgação da lei, além de valorizar tal cultura, é uma política de reparação, segundo o Parecer CNE/CP 003/2004 de 10 de março de 2004,

A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações.

Assim, as políticas de reparação e reconhecimento formarão um conjunto de ações com a intenção de diminuir as desigualdades raciais e sociais. Concordando com este parecer, Cavalleiro (2006) enfatiza que a lei 10639

É um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo de formas conexas de discriminação. (CAVALLEIRO, 2006, p. 19)

É válido lembrar que a promulgação da lei não garante a sua aplicabilidade, cabendo apenas ao posicionamento e sensibilização da professora frente a estas questões sociais. A escola tem como responsabilidade ampliar os horizontes culturais e expectativas dos alunos. Desconsiderar a importância da diversidade nos currículos é contribuir para o processo de desigualdade social.

4.2 Questões etnicorraciais na educação infantil

*E de pai pra filho o racismo passa
Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
(Gabriel, o Pensador)*

A educação infantil tem sido contemplada na legislação brasileira, a partir da Constituição Brasileira, de 1988, a aprovação da lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, do Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil, de 1998, percebe-se que esta modalidade de ensino é um dos instrumentos necessários para a socialização das crianças.

Para Cavalleiro (2000)

A socialização torna possível à criança a compreensão do mundo por meio das experiências vividas, ocorrendo paulatinamente a necessária interiorização das regras afirmadas pela sociedade. (...) O contato com outras crianças da mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao mesmo grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vividos pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura de mundo. (CAVALLEIRO, 2002, p.16)

É importante considerar os efeitos que as relações produzem nos indivíduos, pois nem sempre ocorrem de forma satisfatória e positiva, por vezes são impregnadas de intolerância e desrespeito.

A cultura racista presente na sociedade, chega às salas de aula causando embaraços, constrangimento e baixa estima em alunos negros. Pois muitas vezes são discriminados por terem a pele mais escura, o cabelo mais crespo, são chamados por apelidos pejorativos, não se identificam com personagens da literatura infantil, nem com as bonecas que estão na sala.

Portela (2008), em seus estudos que relacionam educação infantil e relações etnicorraciais, afirma que

A discriminação racial na escola se dá pela aparência, isto é, a textura do cabelo, a cor da pele, o formato do nariz, enfim, as características físicas distintas transformam-se em fatores de depreciação, já que o repertório cultural oferecido às crianças pelas agências socializadoras, ou seja, a mídia (gibis, desenhos e programas infantis) valoriza apenas um grupo étnico-racial. (PORTELA, 2008, p.124)

Desta forma, as crianças negras, ao não conseguirem se identificar com os artefatos culturais apresentados pela professora, podem ter baixa auto estima, sentindo-se rejeitadas por todos no ambiente escolar, conseqüentemente, baixo rendimento escolar.

Tal discussão se torna relevante desde a educação infantil, pois as crianças, nas suas relações, costumam reproduzir falas e atitudes dos adultos, principalmente nas brincadeiras, revelando valores, crenças e costumes de cada grupo familiar.

Para que a criança inicie a construção da sua identidade, e cresça sendo respeitada e valorizada nas suas diferenças, é importante que a temática racial faça parte do planejamento da professora.

4.3 Literatura infantil e as questões etnicorraciais

*O canto do negro
Veio lá do alto
É belo como a íris dos olhos de Deus, de Deus
E no repique, no batuque
No choque no aço
Eu quero penetrar
No laço afro que é meu, e seu
(Miltão, René Veneno, Guiguio)*

As aprendizagens que estão em torno do trabalho com a literatura infantil são inúmeras. Abramovich (1993) destaca que ler história para crianças

É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados ou enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). (ABRAMOVICH, 1993, p.17)

Entre tantas possibilidades de aprendizagens, recebe destaque a forma como a literatura contribui na construção da identidade da criança, colaborando na resolução dos conflitos pessoais e melhorando as relações.

Ao identificar-se com alguma personagem, a criança, para Amarilha (2000), tem a possibilidade de suspender, transitoriamente, a relação com o cotidiano e viver outras vidas. Quando a criança identifica-se com uma personagem, entra em sintonia com os valores, ideal e formas da comunidade em que o personagem se situa.

Dada essa relevância ao trabalho com a literatura infantil, é possível afirmar que a partir dela pode-se discutir conceitos de racismo e preconceitos raciais que se relacionam às relações estabelecidas no espaço escolar e não escolar.

Os contos de fada fazem parte do imaginário infantil. É comum a brincadeira que envolve o cenário de princesas com longos vestidos, e príncipes corajosos. Nesse imaginário, não está incluído nenhuma princesa negra, pois a maior parte desta representação apresenta pele branca e cabelos loiros. Sobre essas representações que Dalla Zen e Kaercher (2010) se preocupam, ao afirmarem

Consideramos importante problematizar o “poder” da literatura – ou de qualquer outro artefato – para desconstruir preconceitos e estereótipos. Julgamos que os artefatos desempenham um importante papel; entretanto, seus ensinamentos se dão, muitas das vezes, pelos silêncios, omissões e todos de dizer que, de um modo relacional, vão instituindo as significações do “ser negro”, no caso, através das significações do “ser branco”. Portanto, ao agregar ao mundo branco – através dos personagens – os valores tidos como positivos (beleza, caráter, valentia, inteligência, etc.) se constrói, por oposição, não necessariamente afirmada na narrativa verbal ou mostrada na narrativa imagética, a identidade negra como o pólo oposto (feiúra, deslealdade, covardia, ignorância, sexualidade exacerbada, subserviência, etc.) (DALLA ZEN E KAERCHER, 2010, p6)

O uso de livros com personagens negros evidencia uma prática pautada no respeito às diferenças. Abramovich (1993) ao descrever como os livros infantis desenham nossas personagens, faz o seguinte comentário quanto ao uso de imagens de pessoas negras:

O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico ou industrial, e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...) Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por conseqüência, coadjuvante na vida... Se mulher é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda. Seu ótimo coração e seu colo amigo são expressos no texto ou talvez nas entrelinhas...Importa que sua apresentação física não seja das mais agradáveis, das mais audaciosas ou belas...Altivos e elegantes? Nunquinha... (ABRAMOVICH, 1993, p.36)

Assim como a seleção de conteúdos, o ambiente escolar, a postura docente frente aos conflitos, a escolha das imagens também são fontes de aprendizagem, produzem significados, e contribuem na construção de identidade dos alunos. A literatura infantil, assim como outros artefatos utilizados no espaço escolar, constitui identidades através dos enredos, e características dos personagens.

Apresentar literatura com personagens que não valorizem apenas um tipo de beleza ou cultura e que fuja dos estereótipos, é contribuir para a valorização da pluralidade cultural do nosso povo.

O próximo capítulo relaciona o referencial teórico com a prática propriamente dita, apontando os resultados do trabalho feito a partir da literatura infantil bem como discussões das temáticas aqui apresentadas.

5. ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS

Este capítulo apresenta reflexões sobre as atividades desenvolvidas com os alunos visando uma educação antirracista. Para melhor compreensão, inicialmente são apresentadas as obras de literatura infantil utilizadas no desenvolvimento do projeto, seguida de análise das evidências a partir do referencial teórico.

5.1. Caracterização das obras

*Que bloco é esse? Eu quero saber.
É o mundo negro que viemos mostrar pra você
(O Rappa)*

O critério de escolha dos livros utilizados no projeto foi que apresentassem personagens negras como protagonistas e também desenvolvessem uma imagem positiva do negro, livre do preconceito e desvinculado da história da escravidão. A seleção cuidadosa do material didático demonstra responsabilidade e comprometimento com a prática pedagógica que contemple a diversidade.

A discussão sobre etnia, especialmente sobre afrodescendentes, permite uma prévia problematização sobre o respeito às diferenças. O livro **Diversidade**, através de poemas sobre as diferenças com relação aos aspectos físicos e emocionais, alerta para a chatice se todas as pessoas fossem iguais, e do quanto é importante que cada pessoa seja valorizada e respeitada do jeito que é.

No livro **Histórias da Preta**, a autora lança esta discussão numa das “historietas”:

Como é o ser negro que aprendi na escola? \ALembro do retrato de um homem amarrado, a calça abaixada, apanhando num tronco. Essa era uma imagem que aparecia repetidamente nos livros escolares. Por que mostravam sempre a mesma figura negra totalmente dominada? Nunca aparecia de outra forma. Era um retrato congelado. Existem muitas outras histórias construídas pelos negros, mas, como elas não aparecem nunca, na prática são invisíveis: é como se nem existissem. E nas historinhas infantis? O único personagem de que me lembro é o Gato Félix, que é um gato preto. Nunca encontrei personagens negros fazendo papel principal num enredo de amor ou aventura. Nas poucas histórias em que eles ganham destaque, são pobres e tristes, na melhor das hipóteses. (LIMA, 2007, p.47)

Histórias da Preta tem uma leitura mais densa, com poucas ilustrações, é uma leitura mais informativa, que apresenta dados sobre a África e influência negra na cultura brasileira. A história é contada por Preta, que ao relatar sobre suas origens e vivências na cultura africana, discute os conceitos como raça, etnia e diversidade.

Menina Bonita do Laço de Fita é um dos títulos mais conhecidos e utilizados para abordar a questão étnica racial na sala de aula. Embora inicie com a expressão *era uma vez*, é bem diferente dos tradicionais contos de fada, pois conta a história de uma menina negra como personagem central, tendo um coelho que tenta ficar pretinho, tal como ela. A Menina Bonita não apresenta desconforto com sua cor, sente-se feliz, mas não sabe explicar por que é negra, ao final do texto, descobre que é devido à influência dos antepassados. O relato detalhado da beleza da menina e a pergunta insistente do coelho (*Menina Bonita do Laço de Fita, qual teu segredo pra ser tão pretinha?*) faz com que o leitor/ouvinte apaixone-se pela história, e dialogue sobre os conceitos de preconceito, respeito e racismo.

A história **O Cabelo de Lelê** também contribui com a elevação da auto-estima, pois aborda uma questão importante para as crianças negras: o cabelo. Este, muitas vezes, é alvo de piadas e descontentamento. Lelê não gostava do seu cabelo, e, depois de pesquisar sobre sua origem, passa a se amar:

Lelê não gosta do que vê
- De onde vem tantos cachinhos?
Ela vive a se perguntar.
E essa resposta ela encontra num livro,
Em que descobre sua história
E a beleza da herança africana.
(Belém, 2007,p.34)

A obra **Betina** também tem no cabelo um elemento constituidor de identidade, que interliga três gerações da mesma família. Betina, a personagem principal, é trançada pela mãe, que foi trançada pela avó, e assim sucessivamente. Através dos penteados é reafirmada a herança dos ancestrais.

A obra **Minha família é colorida** também conta a trajetória de um menino, Ângelo, em busca das suas origens étnicas, suas dúvidas iniciam a partir da observação de seu cabelo e das pessoas que compõem sua família:

O Ângelo é um menino que gosta muito de pensar nas coisas da vida, e, um dia, depois de observar toda a sua família, falou:- Mãe, meu cabelo não “vua”, o da minha avó Marli “vua”, o seu “vua”, o do Camilo “vua” um pouco, e o do meu pai, não. Meu pai passou cola no meu cabelo e no dele também. (MARTINS, p.3, 2007)

A mãe de Ângelo conta sobre os casamentos dos avós, as características de cada membro da família e mostra os álbuns de fotografia para que ele compreenda o porquê da sua cor e do seu cabelo.

A proposta de pesquisa nos antepassados para se conhecer melhor (e construir identidade), reportando-se a África, tem sido um caminho comum para enfatizar a importância da história afro brasileira.

Como no livro **Que cor é a minha cor?**, a protagonista (sem nome!) se questiona quanto a sua cor, comparando-a com vários objetos da mesma tonalidade, ao final, relata sobre sua origem africana, e a diversidade que se formou no nosso país a partir da *mistura de raças*. Não há um enredo propriamente dito, fica explícito o conteúdo sobre a formação do povo brasileiro a ser estudado a partir do texto:

(...)e nesse rolo de muitos marrons, estou eu, você, papai, mamãe, meu irmão, minha irmã, meu avô e minha avó. Toda gente brasileira: soma de muitas raças, diferentes etnias, misturados ao longo do tempo ... tempo ... tempo ...Índios, portugueses, negros, italianos, japoneses, holandeses... Esta gente brasileira. (RODRIGUES, 2005, p9)

O Menino Mestre e o Rei Zumbi relata a viagem de um menino da África para o Brasil no tempo da escravidão. Do navio negreiro a chegada ao quilombo, o Menino Mestre vai ensinado sobre capoeira, através de uma linguagem própria para crianças. Esta obra atende perfeitamente a lei 10639, já que propõe uma “viagem” a história e cultura afro brasileira.

Na sala de aula, nem sempre a criança negra tem a oportunidade de ocupar o lugar de destaque, a partir destas histórias, os próprios colegas da turma acabam atribuindo-lhe o título de “menina bonita”, ou “Lelê”, por apresentar características físicas parecidas como as da personagem.

5.2. O eu e o outro

*Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
(Caetano Veloso)*

Por um lado existe o eu, com crenças, gostos, atitudes, características muito próximas, e de outro lado, a perspectiva do outro, que nem sempre é compreendido. Assim, o outro é levado a negar sua identidade em favorecimento de uma classe dominante.

As relações entre os diversos grupos étnicos nem sempre transcorrem de forma respeitosa, por isso a importância de discutir tais questões desde a educação infantil. O projeto iniciou efetivamente a partir de uma conversa sobre a importância do respeito às diferenças, após leitura do livro *Diversidade*. Eles foram questionados quanto às diferenças da turma, precisavam pensar como eram, e o que lhes diferenciavam do outro. Primeiramente as respostas surgiram a partir da observação dos aspectos físicos, em seguida, características quanto ao comportamento.

A proposta era produzir um texto coletivo a partir da conversa sobre a diversidade da turma, tal como o livro. Mas em função da faixa etária, e nível de desenvolvimento, os alunos não conseguiram abstrair a idéia, e sempre que questionados como podíamos escrever, eles exigiam que suas falas fossem transcritas literalmente, sem considerar o coletivo. Ao final, desenharam no cartaz e simularam a leitura da produção (figura 1)

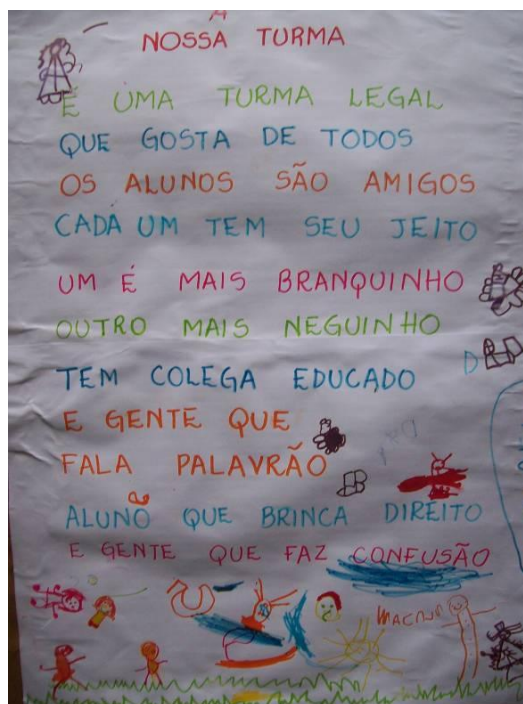


Figura 1: Produção de texto coletiva sobre "Diversidade da Turma"

Visto que haviam compreendido que cada aluno da turma apresentava alguma diferença em relação ao colega, propus a construção do Painel da Diversidade, assim, solicitei aos alunos que recortassem figuras de pessoas que representassem o tema tratado para compor o trabalho. Percebi que mesmo terem conversado sobre a importância das diferenças, os alunos, ao recortarem as pessoas das revistas, procuravam pessoas brancas, e as meninas, gostavam de recortar modelos altas e loiras.

Após recortarem as figuras, solicitei que observassem com atenção todas as pessoas que tivessem características muito parecidas para serem retiradas do painel. Interessante que esta seleção de figuras não estava prevista no planejamento, mas foi necessária à medida que observava que havia um grande número de figuras femininas com as mesmas características (figura2). Mesmo com a minha interferência, essas figuras permaneceram no painel.



Figura 2: Painel da Diversidade

Cabe ressaltar que as revistas disponíveis para pesquisa eram de moda, apresentando celebridades da mídia, e modelos com mesmo tipo físico. Nesta primeira atividade, em que foi preciso a pesquisa em revista, não havia me preocupado com este material que já estava disponível na sala de aula. Percebendo que a figura do negro era rara, num outro momento que necessário a pesquisa, trouxe de casa publicações de uma revista voltada para o público negro, ou seja, havia apenas pessoas negras. Assim os alunos tinham a disposição, de fato, material de pesquisa que contemplasse a diversidade.

Os filmes infantis mais populares, os clássicos da literatura infantil, a mídia em geral, apresentam um modelo de beleza que não evidencia as características de uma criança negra. Através da observação nesses materiais, constata-se que o negro nem sempre ocupa um lugar central.

A mídia tem uma grande influência nas escolhas das crianças: ditando o que é bonito e o que merece ser deixado de lado. A representação da beleza, para a maioria dessas crianças, é magra, tem cabelos longos, loiros, pele branca e olhos claros.

Esta afirmação foi elucidada através do trabalho com a história *Menina Bonita do Laço de Fita*.

5.3. Descobrimo a beleza de ser negro

*Meu cabelo enrolado
 Todos querem imitar
 Eles estão baratinado
 Também querem enrolar...
 A verdade é que você
 Tem sangue crioulo
 Tem cabelo duro
 Sarará crioulo..
 (Macau)*

Como atividade anterior a leitura da *Menina Bonita do Laço de Fita*, os alunos desenharam uma menina bonita, com as características que julgassem importantes. A maioria desenhou meninas brancas e loiras, tal como as figuras recortadas. Quando questionados das suas escolhas, alguns manifestaram o interesse de ser como seus desenhos, mostrando descontentamento com seu tipo físico. Ao compararem suas produções com a capa do livro, não se surpreenderam, nem contestaram, pois já conheciam a história. Havia previsto uma reação inversa, e então, aproveitaria a situação para tratar sobre preconceito e discriminação. Mesmo assim tentei explicar os conceitos, mas não houve compreensão.

Simpatizaram-se pela protagonista, e foi preciso contar várias vezes esta mesma história. Após essa atividade os alunos passaram a chamar a B. (aluna negra) de menina bonita, tornando-se o centro das atenções. De forma muito tímida, B. aceitou o apelido carinhoso

A obra *O Cabelo de Lelê* despertou outro olhar para o conceito de beleza. Uma das páginas do livro causou bastante empolgação: diversas imagens de cabelos afros. Todos queriam ser uma das figuras apresentadas. Considero essa atitude satisfatória, visto que na primeira atividade do projeto não selecionaram pessoas negras (figura 3). Os alunos não apresentaram nenhum tipo de preconceito ao se identificarem com algum dos personagens, e fizeram isto de forma espontânea. Não estava previsto no planejamento, apenas dei o espaço quando surgiu o primeiro comentário: "*Eu sou essa !*"



Figura 3: Página do livro O Cabelo de Lelê

Os vários tipos de cabelos serviram de motivação para cada um "construir o seu cabelo" com colagem de massa parafuso numa foto. A idéia do uso deste tipo de massa era para se parecer com um "cacho".

Ainda tratando sobre "cabelos", a obra intitulada Betina foi impulsionadora de uma atividade bastante interessante na turma: a oficina de tranças. A responsável pelo sucesso da aula diferente foi a tia de uma das alunas negras da turma: a aluna B., que costuma vir para a aula com tranças e presilhas coloridas no cabelo, disse que sua mãe e sua tia lhe trançava. Numa manhã, com prévia combinação, a tia veio a aula, e trançou as meninas. Era visível o contentamento de B. ao ver que através dela seus colegas estavam se divertindo, e querendo se parecer com ela através das tranças (figura 4).

Os livros descritos nesta seção têm a beleza e a vaidade como uma das características em destaque. O fato de ter meninas negras na turma, e serem apelidadas pelos nomes das protagonistas das histórias, além de elevar auto-estima dessas crianças, faz com que os demais colegas percebam a beleza em pessoas negras, já que esta foi uma dificuldade numa das atividades iniciais do projeto.



Figura 4: Oficina de tranças

Sabendo que a identidade também se constrói a partir de como o outro pensa de mim, desenvolver um projeto que apresente a beleza de ser negro, faz com que as crianças aprendam a valorizar a herança cultural e respeitar os colegas afros descendentes.

5.4 Qual é a minha cor?

*Nasceram os brasileiros, cada um com a sua cor
Uns com a pele clara, outros mais escura
Mas todos viemos da mesma mistura
(Gabriel, O Pensador)*

Embora na primeira atividade do projeto fossem evidenciadas as diferenças quanto ao tom de pele, os alunos negros não manifestaram como se identificavam quanto a etnia. Quando a turma foi questionada sobre quantos tem a mesma cor que as personagens da história, as respostas foram inúmeras, gerando dúvidas. Alguns alunos, mesmo com a pele branca, afirmavam ter, por simpatia às histórias. Duas crianças negras, logo levantaram a mão, identificando-se como tal. Outros alunos apontavam para quem tinha a cor da pele igual, ou num tom parecido.

Através da história *Que cor é a minha cor?*, foi construído um Gráfico das Cores da Turma (figura 5). Consistia em observar quatro tons de pele, representado através de um círculo de EVA, e identificar-se com uma das cores. Inicialmente todos estavam atentos ao que o colega ia responder, com o andamento da brincadeira, os colegas foram apontando a cor referente ao tom da pele do outro. Questionei se sabiam por que tinham aquela cor, e as explicações foram variadas, mas a maioria referia-se a família, tal como a *Menina Bonita, Betina e Leleê*.



Figura 5: Construção do Gráfico das Cores

Ao trabalhar o tema “família”, a partir da história *Minha família é colorida*, os alunos relataram como suas famílias são compostas, enfatizando a cor da pele do pai, da mãe e avós. Puderam compreender a partir da análise da foto de família de alguns alunos, que somos produto de nossos pais, e que as características físicas estão bem relacionadas com a herança genética, como propõe a literatura em questão e a história da *Menina Bonita do Laço de Fita*. Outra proposta era compor “famílias” a partir da colagem de figuras de pessoas, recortadas previamente de revistas. A produção final retratou famílias de duas a doze pessoas, com características bem diferentes, pessoas negras e brancas compunham as ilustrações (figura 6).



Figura 6: Famílias

Na turma há quatro alunos afrodescendentes. Tem uma menina, com a pele escura, e os cabelos lisos, embora a turma não a considere como a “menina bonita”, por não ter o cabelo crespo, ela se auto declara como “preta”. Outro menino, com características parecidas com a menina, também não apresenta dificuldades em assumir-se como negro. A B., a aluna citada anteriormente, demonstra timidez quando questionada sobre sua cor, não quis responder, ficou me olhando, como se esperasse a minha resposta para algo que não quisesse falar. O seu silêncio fez com que a turma respondesse no seu lugar, apontando para o tom mais escuro do marrom. Ao demonstrar insatisfação, comparei o seu tom de pele ao meu, afirmando que éramos muito parecidas, como as personagens das histórias infantis. Aceitando mais a atividade, a B. prosseguiu a brincadeira completando o gráfico na cor indicada pela turma. O quarto aluno, embora tenha a mãe negra, se auto declara como branco. Seu tom de pele é bem mais claro que os demais citados, o que gerou dúvida na turma entre os dois tons mais claros, mas ele rapidamente falou sua opinião.

As reações destes últimos dois alunos nos leva a refletir sobre a importância de um trabalho pedagógico que leve em conta a diversidade, e preocupe-se com a construção positiva da identidade. As crianças, ao classificarem-se em negros e não negros levam em conta a observação do fenótipo, desconsiderando as relações familiares, ou seja, a afro descendência.

5.5 Conhecendo a contribuição dos negros na nossa cultura

*Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
(Jorge Aragão)*

Ao final da história *Que cor é a minha cor?*, a autora aponta indícios de que os “*muitos tons de marrons*” da população brasileira se deve a miscigenação gerada pela formação histórica do nosso país. Aproveitei também para contar um pouco da história do “descobrimento do Brasil”, a monarquia, até a chegada dos escravos, vindos da África. Ao falar sobre escravidão no Brasil, eles ficaram bastante

surpresos. Quando viram as imagens referentes ao tema, ficaram mais espantados ainda, portanto não dei muita ênfase ao assunto.

A história *O menino Mestre e o Rei Zumbi* impressionou os alunos no que diz respeito à escravidão. As imagens de uma criança, e a forma como busca divertir-se nesse contexto sensibilizou a turma. E a partir de então, houve a oportunidade de pesquisar outras contribuições deixada pelos africanos no Brasil.

Nem bem Iniciei uma breve explicação do histórico da capoeira, falando sobre a contribuição dos negros... Quando um aluno questionou: "*Profe, de novo sobre os negros?... É toda hora!*"

As crianças sempre nos surpreendem, achei engraçada a sua espontaneidade. Logo me questionei quanto ao andamento do projeto, se os alunos estavam ou não gostando da temática, e atividades. De fato, desde quando iniciou o projeto este se tornou o único assunto a ser tratado em sala de aula. Penso que implementar a lei 10639 não é apenas tratar durante um período de tempo determinado sobre africanidades, mas é planejar a partir da diversidade da turma, e ter sensibilidade para interferir e problematizar falas e atitudes racistas. Mais que o cumprimento de uma lei, é uma questão de opção por educação antirracista.

Expliquei para os alunos que sempre temos o que aprender, e que a cada dia aprendíamos coisas diferentes, mesmo tratando-se do mesmo tema. Então, em vez de falar sobre a história da capoeira, ainda na rodinha, coloquei a música, comecei a acompanhar com as palmas, até que todos estivessem participando. Então propus que fizéssemos alguns movimentos, eles concordaram, e, livremente, fizeram alguns gestos. Enquanto aguardavam a troca do CD, fui perguntando o que sabiam sobre a capoeira, se já tinham visto uma roda. Após alguns comentários, pude explicar sobre a origem e iniciar a seqüência de atividades que tinha me proposto. Quando o menino fez a pergunta, logo imaginei que não fossem gostar da vivência de capoeira, mas me enganei: eles adoraram "jogar". O trabalho com capoeira durou mais que um dia, e eles não se queixaram da repetição do assunto. Realizamos a roda de capoeira no pátio, onde todos puderam participar, com bastante espaço para as "acrobacias" (figura 7).

Eles experimentaram tocar alguns instrumentos de origem africana (figura 8). O movimento despertou a curiosidade de outras turmas e funcionários da escola, logo estavam todos participando.



Figura 7: Vivência de capoeira



Figura 8: Experimentando os instrumentos musicais

5.5 Percepções

*Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
(Jorge Aragão)*

A construção da identidade é um longo processo. A criança se constitui a partir da interação nos espaços que participa (família, escola, sociedade). A sua espontaneidade revela o que aprendeu, ou o que aprende nesses ambientes que a educam.

Durante nove semanas desenvolvi o projeto Viva as Diferenças, que tinha como objetivo: conhecer e valorizar a história e cultura afro brasileira. Nesse período, foram feitas inúmeras atividades envolvendo a temática. Percebi participação e aprendizagem em todas as atividades propostas.

Na última semana, os alunos ensaiaram com a professora titular um teatro para apresentar na escola. Tal texto envolvia diversos personagens dos contos de fada, entre eles, a Cinderela. A professora titular escolheu os personagens, e a B. (a menina negra) foi escolhida para ser a Cinderela. Uma outra aluna, também desejando este papel, questionou: “ela não pode ser a Cinderela, ela é negra!”

Na mesma hora falei que qualquer pessoa poderia interpretar qualquer papel, e que todos tinham direitos iguais. Antes de seguir com meu discurso fiquei pensando: o questionamento da aluna até pode ser cabível, pois por toda sua vida conheceu livros que representam a Cinderela como uma moça bonita, magra e loira; do que adiantou trabalhar essa temática, se ao final das 9 semanas ouvi um comentário preconceituoso? Mas será que foi um comentário preconceituoso?

Trabalhar a lei 10639 na sala de aula não é tarefa fácil. É muito mais que propor atividades de conhecimento da herança negra na nossa cultura. É estar atento aos olhares, às falas, aos comentários (com ou sem intenção racista), é interferir de forma objetiva e clara quando o aluno diz que menina bonita precisa ser loira, que cinderela não pode ser negra ou pede um lápis cor de pele, referindo-se a cor rosa.

A criança aprende aquilo vive, o preconceito não nasce da criança, mas é uma construção histórica social, passado pelos pais, e demais adultos que ela convive.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Qual a origem de gente?
Onde fica?
África fica no meio do mapa do mundo do
atlas da vida
Áfricas ficam na África que fica lá e aqui
África ficará
(Sandra Perez e Paulo Tatit)*

A discussão sobre a diversidade cultural, especificamente sobre as relações étnicas, faz-se necessária desde a educação infantil para a promoção de uma educação mais justa. Trata-se de um assunto que provoca diferentes opiniões, é um tema importante para ser problematizado na escola. É neste espaço que as diferenças de classe, gênero, etnia, geração se encontram, provocando conflitos e aprendizagens.

Preocupada com a questão étnica racial na educação infantil, especificamente com a construção da identidade da criança negra neste espaço, desenvolvi o projeto Viva as Diferenças, que além de valorizar a cultura e história afro brasileira, como forma de atender a lei 10639, tem a literatura infantil como principal recurso de trabalho, destacando as personagens negras.

Partindo dessa situação, procurei investigar qual a influência desta literatura na construção da identidade das crianças negras. Para tanto, o planejamento das atividades realizadas na turma de educação infantil, contou com uma seleção criteriosa de obras literárias para crianças que apresentassem uma imagem positiva do negro, sem estereótipos e ocupando lugar central no texto. Os livros infantis utilizados obedeciam ao mesmo critério, entre todos utilizados, as crianças conheciam apenas uma das obras; Menina Bonita do Laço de Fita.

Embora haja limitações no estudo de caso, como a generalização da conclusão obtida, esta metodologia possibilitou concluir que a literatura infantil com personagens negros contribui positivamente na construção da identidade de crianças negras. Por se tratar de um estudo de caso, foi possível abstrair os dados mais relevantes, relacionados com a questão norteadora, para a sistematização e reflexão dos resultados obtidos.

É possível um trabalho para a promoção da igualdade racial a partir de literatura selecionada. Sempre gostei muito de trabalhar com contação de histórias, percebi na minha prática pedagógica que através de personagens fictícios, conflitos, histórias felizes e tristes, nossos alunos possam desenvolver-se e aprender, além da moral da história, a resolver situações do dia-a-dia, pois fazem relações, comparam, e desejam finais como os das histórias que ouvem.

É importante problematizar: que imagens vêm à cabeça de uma criança ao imaginar reis, princesas, fadas, meninas bonitas como protagonistas de um conto de fada? Geralmente essa representação é de pessoas brancas. A literatura infantil, além das expressões comumente usadas como “era uma vez”, e “viveram felizes para sempre”, carrega algumas imagens estereotipadas que povoam o imaginário infantil. Dificilmente um livro inicia com *era uma vez uma linda princesa negra*, ou conta a história de um *valente príncipe negro*.

A criança negra apresenta dificuldades em identificar-se com os personagens dos filmes e livros infantis comumente vistos na mídia, e usados na escola. A ausência dessas referências não estimula o trabalho para com a diversidade cultural, e contribuem, para que crianças negras não se sintam identificadas com esses artefatos.

Os resultados apresentados vieram ao encontro da hipótese inicial. A reflexão a partir da práxis, vinculada ao referencial teórico, permitiram constatar que a literatura, com características citadas anteriormente, e a relação da criança com a história, colaboram de fato para a construção da identidade, bem como auto-estima das crianças negras. Tal realidade percebe-se na medida em que os alunos interessaram-se pela literatura apresentada, e história afro-brasileira; as alunas negras foram destacadas pela turma, sendo percebidas quanto às suas belezas; em geral, os alunos negros sentiram-se valorizados ao verem personagens negros nas páginas dos livros.

Os alunos acostumados a ouvirem e verem história com personagens brancos se admiram quando vêem um personagem negro. Ficam comparando, tentando encontrar colegas semelhantes. Os alunos negros, por sua vez, ficam

satisfeitos aos se sentirem inclusos na história, pois se identificam com os personagens apresentados.

Esta pesquisa inicial sobre essa temática suscita outras indagações, que posteriormente poderão receber devida atenção através do aprofundamento nos estudos. De imediato, questiono:

- De que forma outros recursos pedagógicos podem contribuir na construção da identidade de crianças da educação infantil?
- A aplicabilidade da lei 10.639 garante a ruptura de preconceitos na sociedade?
- Até que ponto a cultura, os valores e as crenças do professor interferem (positiva e negativamente) no planejamento de atividades que contemplem a cultura afro brasileira?
- Como organizar os planos de estudos da educação infantil a partir da lei 10.639?

Por isso que um trabalho pedagógico comprometido com as diferenças na sala de aula, deve contar com o planejamento de atividades e seleção de materiais que contemplem essa diversidade.

REFERENCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2007.

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. São Paulo: Quinteto Editorial, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Parecer CNE/CP 3/2004, de 10 de março de 2004.

BRASIL. lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**. São Paulo: Contexto, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. **Introdução**. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006

DÓRIA, Antonio Sampaio. **O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis – reflexões sobre história e cultura**. São Paulo: Paulinas, 2008.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Mas afinal, para que interessam a um cigano as equações? Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Glossário de termos e expressões anti-racistas. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006

GOMES, Nilma Lino. **Betina**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Educação Cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **O desafio da diversidade. Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LESTER, De Julius. **Que mundo maravilhoso**. Editora Brinque-Book, 2008.

LIMA, Heloísa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.

LUZ, Cássia. **O menino mestre e o rei Zumbi**. Porto Alegre: Nova Prova Editora, 2007

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do Laço de Fita**. São Paulo: Ática, 2004.

MARTINS, Georgina da Costa. **Minha família é colorida**. Editora SM, 2006.

MENEZES, Veralinda. **A princesa Violeta**. Porto Alegre: Editora Príncipes Negros, 2008.

MEYER, Dagmar Estermann. **Das (im)possibilidades de se ver como anjo...** In: GOMES. Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MULLER, Tanise Ramos. **Tecendo tramas, trançando gentes: narrativas constituindo identidades em uma escola municipal de Porto Alegre/RS no ensino da história e cultura africana e afro-brasileira**. 2009. 240f. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: BRANDÃO, André Augusto P. (org) Niterói: UFF. Cadernos PENESB, 2004.

PARÉ, Marilene Leal. **Auto-Imagem e Auto-estima na Criança Negra: um Olhar sobre o seu Desempenho Escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Belo Horizonte: Editora Mazza, 2006.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Construindo referenciais para abordagem temática étnico-racial na Educação Infantil**. In: Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006

SILVA, Tomaz Tadeu. **A produção social da identidade**. In: Identidade e Diferença. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.